



EXPRESSAR, SENTIR E INCLUIR: corpo e arte como linguagens integradoras nas aprendizagens inclusivas

Bertyza Carvalho Falcão-Fernandes¹

Mateus David Finco²

Michelle Aparecida Gabrielli Boaventura³

Saimonton Tinôco⁴

Resumo: O artigo tem como objetivo refletir sobre a mesa redonda “Expressar, sentir e incluir: corpo e arte como linguagens integradoras nas aprendizagens inclusivas”, realizada durante o “III Seminário Formativo integrador e I Colóquio de Docências”, que teve como tema central: “Estratégias didático-curriculares para a Educação Especial na perspectiva inclusiva”. Assim, a mesa redonda em questão buscou estabelecer um espaço formativo a partir do diálogo e de trocas de saberes, especialmente a respeito de práticas educativas inclusivas que envolvem as áreas de Arte e da Educação Física no âmbito da Educação Básica.

Palavras-chave: Formação continuada. Práticas educativas inclusivas. Corpo. Arte. Educação Física.

¹ Mestre em Educação Física pela Universidade Estadual de Pernambuco (UPE)/ Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Professora do Departamento de Educação Básica (DEB) da UFPB e do Colégio de Aplicação de Educação Básica (CAp-EBAS) da UFPB. bertyza.falcao@academico.ufpb.br.

² Doutor em Informática na Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professor do Departamento de Psicopedagogia (DPSICO) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). mateus.finco@academico.ufpb.br.

³ Doutora em Educação pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Professora do Departamento de Artes Cênicas (DAC) da UFPB e do Programa de Mestrado Profissional em Artes em Rede Nacional (ProfArtes). michelle.gabrielli@academico.ufpb.br.

⁴ Doutor em Educação Especial pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Professor do Departamento de Ciências Fundamentais e Sociais (DCFS) e do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), além do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). Líder do COM-Fabulações: ateliê de pesquisas inventivas em educação (CNPq/UFPB). saimonton.tinoco@academico.ufpb.br.



Expressing, feeling, and including: body and art as integrative languages in inclusive learning

Abstract: This article aims to reflect on the roundtable discussion “Expressing, Feeling, and Including: Body and Art as Integrative Languages in Inclusive Learning,” held during the ‘III Developing and Integrating Seminar and I Teacher’s Colloquium’, which had as its central theme: ‘Didactic-Curricular Strategies for Special Education from an Inclusive Perspective’. Thus, this roundtable sought to establish a formative space based on dialogue and the exchange of knowledge, especially regarding inclusive educational practices involving the areas of Arts and Physical Education within Basic Education.

Keywords: Post service teaching. Inclusive educational practices. Body. Arts. Physical Education.

Expresar, sentir e incluir: cuerpo y arte como lenguajes integradores en los aprendizajes inclusivos

Resumen: Este artículo tiene como objetivo reflexionar sobre la mesa redonda “Expresar, Sentir e Incluir: Cuerpo y Arte como Lenguajes Integradores en el Aprendizaje Inclusivo”, realizada durante el “III Seminario de Formación Integradora y I Coloquio de Docencia”, que tuvo como tema central: “Estrategias Didáctico-Curriculares para la Educación Especial desde una Perspectiva Inclusiva”. De esta manera, la mesa redonda buscó establecer un espacio formativo basado en el diálogo y el intercambio de saberes, especialmente respecto de las prácticas educativas inclusivas que involucran las áreas de Artes y Educación Física en la Educación Básica

Palabras clave: Educación continua. Prácticas educativas inclusivas. Cuerpo. Arte. Educación física.

Aspectos introdutórios

O projeto de extensão “Formação Docente Continuada na Educação Infantil e nos Anos Finais do Ensino Fundamental: práticas colaborativas e inovadoras para o desenvolvimento curricular” é uma parceria da Universidade



Federal da Paraíba (UFPB) com a Secretaria Municipal de Educação e Cultura de João Pessoa-PB (SEDEC), por meio do convênio nº 2131.11.0623 – UFPB/PMJP), coordenado pelo Prof. Dr. Leonardo Severo e pela Profa. Dra. Nathália Fernandes.

Embora o título do projeto se refira apenas à Educação Infantil e aos anos finais do Ensino Fundamental, abarca ainda os anos iniciais com os componentes curriculares de Arte e Educação Física. Tendo como objetivo desenvolver experiências didático-metodológicas com docentes dessas etapas da Educação Básica, promove uma formação vinculada “à proposta curricular do município de João Pessoa, com foco na garantia dos direitos de aprendizagem correspondentes a cada ano/área da formação escolar” (Severo, 2023, p. 7).

Nesse sentido, há dois anos os/as professores/as da Rede Municipal de João Pessoa-PB, de todas as áreas do conhecimento, participam de uma formação continuada oferecida por formadores/as vinculados/as à UFPB. Cada tema é desenvolvido em um ciclo que corresponde a dois encontros, um por mês. Os temas são escolhidos por meio de uma avaliação diagnóstica, que compreende tanto a necessidade quanto os desejos dos/as professores/as da Educação Básica, dos/as gestores/as da SEDEC e dos/as formadores/as da Universidade.

O que caracteriza a formação continuada oferecida por este projeto de extensão é que todas as áreas de conhecimento desenvolvem a mesma temática formativa durante cada ciclo e, por vezes, as mesmas propostas metodológicas, conferindo uma experiência coletiva. Entretanto, as especificidades, os contextos e as necessidades de cada área são levados em consideração durante os planejamentos.



A formação continuada segue o calendário proposto pela SEDEC, possibilitando que professores/as da mesma área de atuação, mas de escolas distintas, encontram-se num mesmo espaço no dia de formação, para compartilhar saberes e experiências. Visando um movimento de maior coletividade entre as áreas de conhecimento, o projeto prevê duas vezes ao ano a realização do Seminário Integrador, em que todos/as os/as professores/as da Rede e os/as formadores/as se encontram.

Em junho de 2025 foi realizado, na UFPB, o III Seminário Formativo Integrador e o I Colóquio de Docências, que teve como tema central “Estratégias didático-curriculares para a Educação Especial na perspectiva Inclusiva”. O Seminário foi organizado em duas partes, sendo a primeira formada por quatro mesas redondas concomitantes, com a participação dos professores/as formadores/as, e a segunda por socialização de práticas pelos/as docentes da Rede.

Assim, este artigo visa apresentar as reflexões proporcionadas pela realização da “Mesa 1: Expressar, sentir e incluir: corpo e arte como linguagens integradoras nas aprendizagens inclusivas”, conduzida pelos/as professores/as formadores/as de Arte e Educação Física e que também são autores/as deste texto.

Corpo e Arte: poéticas do sentir e do incluir

Deformada
América de escombros
e rejuntes pátrios
deformam tua liberdade
e os direitos todos garantidos
nas anti-leis de ficção
deformam idas
e vindas
deformados outros que nos julgam inábeis
à margem das histórias únicas



excludentes
sangradas de anti-forma
deformados em morada corpórea
tortuosidades degustadas
entre as calçadas
que não guiam cidadania
deformações sucumbidas
em gargantas que vomitam equidades
monetizadas agonias
ditadura normativa-maioria
engulo a epifania tardia
da melodia deformada
palavras ditas
a militância empreendida
defi-ciência
alijada
aleijada *commoditie*
no bonde das incapacidades todas
deformadas américas
IN diferença e *status quo* tardio
sou o sobrenome inventado
ciência amputada das hipóteses
sou o grito-cansaço
das normas todas vendidas
a anti-forma
estética vendida
e os cerebelos da arte endurecida
deformada é a arte
na língua sobrevivente
dos corpos deformados
monstros tortos do sagrado
contemporâneo
(Teixeira, 2024, p. 95-96).

Este poema de Carolina Teixeira⁵ (2025), que também é um vídeo, foi utilizado para sensibilizar o público no início de nossa intervenção, visando pensar o corpo e a arte como linguagens integradoras numa perspectiva de atividades inclusivas. Com seu poema, Carolina Teixeira traz palavras que, de início, parecem apenas (des)qualificar um corpo como: deformado, aleijado, amputado, tortuoso, incapaz, inábel, monstro; no entanto, como efeito poético, todas elas nos possibilitam refletir sobre exclusão, indiferença e ditadura

⁵ Artista, professora e pesquisadora da área de Dança, que há 27 anos tem contribuído com pesquisas sobre corpos com deficiência nas artes cênicas, no Brasil e no mundo.

normativa. Teixeira (2024) faz provocações a respeito de como um corpo com deficiência é visto: falho, errado, improdutivo e ineficiente, numa sociedade capitalista em que se espera por acertos, eficiências, produtividades em todos os campos.

Assim, a partir das ideias da artista e de autores/as como Mantoan e Lanuti (2022), entendemos que ao redor do mundo o fenômeno da deficiência, ao longo dos séculos, já foi compreendido de diversas formas, levando à exclusão, violência, intolerância, negligência e ao silenciamento. Mesmo assim, fomentou transformações políticas e sociais, que refletem no que se conhece hoje como estéticas da deficiência e/ou estudos da deficiência no contexto da contemporaneidade.

Nesse sentido, percebemos que “a deficiência é uma construção. Porque a deficiência, assim como outras categorias marginalizadas, é contextual [...]” (Withers, 2012, p. 02 *apud* Teixeira, 2021, p. 39). Isso significa que as deficiências não podem ser generalizadas, elas precisam ser atualizadas, demarcadas e institucionalizadas pelo Estado e por estruturas que, por vezes, não são possíveis de se identificar (Teixeira, 2025).

É nesse sentido que as linguagens artísticas se tornam potentes, possibilitando a ruptura de regras, padrões e representações dominantes. Não apenas promovendo discussões e reflexões, mas também indignação e inconformidade, que levam a ações no intuito de transformar determinada realidade. Segundo Teixeira (2025), a deficiência permite que pensemos em um empoderamento de ordem política, mas também de ordem artística.

Assim, é preciso pensarmos urgentemente em formas de acesso e de acessibilidade, para fazer e fruir as linguagens artísticas. É necessário termos em vista que “a arte é um território de saberes, porém também é um território



de deveres e de cumprimento da possibilidade de transubstanciar nossas experiências corporais” (Teixeira, 2025), dentro e fora da escola.

Trazendo essa reflexão para o contexto da Educação Física e das possibilidades do se movimentar, a ideia de acessibilidade apresentada pela autora supera os protocolos. Diz respeito a uma mudança estética, que torna possível que as pessoas com experiência em algum tipo de deficiência experimentem o movimento em sua singularidade. A acessibilidade aqui defendida leva o sentir, o experimentar e o vivenciar as práticas corporais para além das padronizações sociais do se movimentar. Tal compreensão torna a experiência corporal ímpar e particular, em meio à diversidade dos corpos.

Desse modo, pensar em acesso é considerar as possibilidades de “entrar”, de acessar algo. É um ato de democratização que prevê, por exemplo, a ampliação do número de usuários/as e beneficiários/as. Já a acessibilidade refere-se ao uso de equipamentos com segurança e autonomia, de forma assistiva ou não, com mediação ou não, com cuidador/a ou não. É importante lembrar que é possível ter acesso a um determinado lugar, mas este não ter recursos de acessibilidade, o que inviabiliza seu uso.

Sob esse prisma, acesso e acessibilidade devem ser pensados de modo indissociável, visando práticas integrativas e inclusivas. Para isso, é necessário compreender que, de acordo com o Art. 3º, inciso I da Lei Brasileira de Inclusão nº 13.146/2015, as barreiras que impedem a inclusão podem ser definidas como:

qualquer entrave, obstáculo, atitude ou comportamento que limite ou impeça a participação social da pessoa, bem como o gozo, a fruição e o exercício de seus direitos à acessibilidade, à liberdade de movimento e de expressão, à comunicação, ao acesso à informação, à compreensão, à circulação com segurança, entre outros (Brasil, 2015).



Consequentemente, para que a inclusão ocorra em todos os sistemas sociais e seja adequada a toda diversidade humana, é de extrema importância eliminar as barreiras que funcionam como impedoras de qualquer forma de acesso e acessibilidade.

Sobre isso, Sasaki (2009, p. 1-2) destaca seis dimensões da acessibilidade:

As seis dimensões são: arquitetônica (sem barreiras físicas), comunicacional (sem barreiras na comunicação entre pessoas), metodológica (sem barreiras nos métodos e técnicas de lazer, trabalho, educação etc.), instrumental (sem barreiras instrumentos, ferramentas, utensílios etc.), programática (sem barreiras embutidas em políticas públicas, legislações, normas etc.) e atitudinal (sem preconceitos, estereótipos, estigmas e discriminações nos comportamentos da sociedade para pessoas que têm deficiência).

Diante do exposto, a inclusão diz respeito à identificação e remoção de barreiras, sejam elas de aprendizagem ou arquitetônicas. É um processo, que se refere à presença, participação e ao sucesso de todos, centrando-se nas pessoas em risco de marginalização, exclusão ou insucesso (UNESCO, 2005).

Quando se fala de inclusão nas escolas de Educação Básica, no contexto do projeto de formação continuada que atuamos, costumamos encontrar dois desafios nos discursos dos/as professores/as:

1. a falta de experiência docente, que contribui para a evasão de estudantes público da Educação Especial e;
2. a culpabilização profissional, em não achar que realiza uma “aula inclusiva”.

Refletir sobre essas inseguranças, apontando caminhos possíveis por meio da acessibilidade, talvez minimize tal sentimento. Demonstra que a inclusão escolar não depende apenas do/a docente, mas de toda uma rede de

apoio institucional e social, como apontam Duran e Lima (2024) ao tratarem da falta de se abordar metodologias inclusivas na formação de professores/as de Educação Física.

Nesse sentido, uma das estratégias metodológicas para a promoção da inclusão escolar, discutida na mesa redonda em questão, foi o Desenho Universal para Aprendizagem (DUA). Trata-se de um conceito advindo da arquitetura e aproveitado em outras áreas de conhecimentos, inclusive na Educação. A ideia do Desenho Universal surgiu em 1960, quando um movimento de arquitetos/as, liderados/as por Ron Mace, começou a pensar como seus projetos poderiam ser usados pelo maior número de pessoas, sem que precisassem fazer alterações nas construções depois de prontas. Assim, o acesso a todas as pessoas é a premissa (Duran; Lima, 2024).

Segundo tais autores, esse conceito se expandiu e adentrou à Educação apresentando três princípios. De acordo com o Centro de Tecnologia Especial Aplicada, o DUA pressupõe:

- 1 – Prover múltiplos meios de representação da informação que dá aos alunos diversos meios de absorvê-la e construir conhecimento;
- 2 – Prover múltiplos meios de engajamento, para despertar o interesse do aluno;
- 3 – Prover múltiplos meios de ação e expressão, para que os estudantes tenham diferentes modos de demonstrar o que aprenderam a sua disposição (Duran; Lima, 2024, p. 4).

Como vemos, a partir dos princípios do DUA, a inclusão não é somente o ato de inserir alguém no convívio social, mas a construção de uma nova mentalidade e de novas práticas. A partir disso, a sociedade se estrutura, por meio de diversas transformações, dentre estas o ambiente físico, os procedimentos educacionais, as atitudes cotidianas.



Algumas considerações

Quando entrar setembro
E a boa nova andar nos campos
Quero ver brotar o perdão
Onde a gente plantou juntos outra vez
Já sonhamos juntos
Semeando as canções no vento
Quero ver crescer nossa voz
No que falta sonhar
Já choramos muito
Muitos se perderam no caminho
Mesmo assim, não custa inventar
Uma nova canção que venha nos trazer
Sol de primavera
Abre as janelas do meu peito
A lição sabemos de cor
Só nos resta aprender
(Sol de Primavera - Beto Guedes)

Como escreveu Freire (1996), a educação não transforma o mundo; a educação muda as pessoas e as pessoas transformam o mundo. Assumindo tal perspectiva, podemos vislumbrar na Educação as transformações que se fazem necessárias para termos escolas mais justas e inclusivas. As nossas diferenças devem ser compreendidas como produções culturais, por isso possíveis de serem valorizadas e trabalhadas nas aulas de Arte e Educação Física.

Tanto na mesa redonda quanto neste texto começamos trazendo as ideias de uma pessoa com deficiência, no sentido de falarmos com elas e não por elas. Tal postura se deveu a uma ética necessário aos fazeres que se pretendem inclusivos, que muitas vezes desconsideram a vez e a voz de quem deveria ser protagonista.

Como problematizamos, ao longo do texto, muitas mudanças são necessárias e sem estas não conseguiremos promover práticas educativas inclusivas e acessíveis a todas as pessoas. É impossível vislumbrarmos outros



cenários, se insistimos cotidianamente em processos de desigualdade e exclusão. Como lindamente cantou o poeta, “a lição sabemos de cor, só nos resta aprender”.

Referências

BRASIL. **Lei da Inclusão Brasileira**. Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm. Acesso em: 02 jun. 2025.

CARVALHO, L. **Carolina**. São Paulo: Ed. do Autor, 2013.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

MANTOAN, M. T. E.; LANUTI, J. E. O. E. **A escola que queremos para todos**. Curitiba: CRV, 2022.

DURÁN, L. N. P.; LIMA, L. A. N. A falta do Design Universal para à Educação Física Inclusiva no Brasil: análise fenomenológica de discursos de graduandos de educação física. **Revista Foco**, v. 17, n. 8, jul./ago. 2024, p.01-17. Disponível em: <https://ojs.focopublicacoes.com.br/foco/article/view/5981> . Acesso em: 01 jun. 2025.

SASSAKI, R. K. Inclusão: acessibilidade no lazer, trabalho e educação. **Revista Nacional de Reabilitação (Reação)**, São Paulo, Ano XII, mar./abr. 2009, p. 10-16. Disponível em: <https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/211/o/SASSAKI - Acessibilidade.pdf>. Acesso em: 02 jun. 2025.

TEIXEIRA, C. **Carolina Teixeira**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=U0WVdqYpXW8>. Acesso em: 02 jun. 2025.

TEIXEIRA, C. **Cidadania Pássara**. Po(ê)mias em um quase corpo. Itabuna: Mondrongo, 2024.



TEIXEIRA, C. **Deficiência em cena: a ciência excluída e outras estéticas.** 2. ed., Natal: Offset, 2021.

UNESCO. **Guidelines for inclusion: Ensuring access to Education for All.** Paris: UNESCO, 2005.

WHITERS, A. J. **Disability Politics and Theory.** Canada: Fernwood Publishing, 2012. In: TEIXEIRA, Carolina. *Deficiência em cena: a ciência excluída e outras estéticas.* 2. ed. Natal: Offset, 2021.

Recebido: 01/12/2025
Aceito: 06/03/2025